

Brizola vê fim do congelamento

Villas-Bôas Correa

— O governo rompeu o congelamento de preços — a observação do governador Leonel Brizola resume uma análise contida mas pessimista do discurso do presidente José Sarney anunciando as medidas complementares do plano de estabilização financeira.

Assinalou Brizola que achou o presidente "muito tenso, nervoso até", inseguro na leitura, pelo teleprompter, do texto escrito e nas improvisações que encaixou em quase todo o pronunciamento.

— O presidente — acrescenta Brizola — colocou um grande empenho em transmitir uma convicção que, eu penso, não atingiu a ninguém porque todos sabem que atrás de todo aquele esforço existem situações concretas que geram aumentos efetivos nos preços.

O governador reclamou atenção para o que classificou de um ato falho do presidente Sarney ao chamar pelo nome exato de imposto o que o governo buscou apresentar como empréstimo compulsório.

— Por quê? — indaga Brizola para oferecer a resposta:

— Não é razoável que as pessoas aceitem que o aumento do preço da gasolina e do álcool não tenha um efeito multiplicador sobre a elevação efetiva do custo de vida.

Brizola aceita a ressalva de que o peso dos transportes coletivos e de carga recai sobre o óleo diesel que não foi alterado. Mas, ainda assim, sobra uma faixa considerável atingida pelo aumento real do preço da gasolina e do álcool, travestidos no chamado empréstimo compulsório.

Desgaste

Brizola está certo de que o governo entrou num processo de inevitável e profundo desgaste político:

— A população vai se sentir um tanto ou quanto frustrada. Os que acreditaram no plano cruzado caíram em dúvida, estão como que desapontados. E os que, como eu, sempre reconheceram os aspectos negativos do congelamento de preços estão mais convencidos ainda que o plano não deu certo.

Para o governador fluminense o plano cruzado começou por reduzir os salários dos mais pobres. Agora, este

novo pacote agrava os salários da classe média, que se deixara iludir pelas aparências da primeira hora.

— O governo induziu a classe média a dissipar as suas economias. Este foi um dos aspectos mais lamentáveis do plano cruzado. De repente, o plano deixou solto, sem controle e sem aplicação, um imenso volume de dinheiro. A poupança, que se evadiu das cadernetas, do **open**, das ORTNs, virou-se para a ilusão da bolsa, ou descambou para o mais desbragado consumismo, aquecendo a demanda de automóveis, imóveis, eletrodomésticos, dólares, viagens ao exterior. Foi assim que a classe média esbanjou o que poupava. Ela foi induzida a gastar mal as suas economias. E, agora, é punida pelo governo com tributos que incidem sobre o seu dia-a-dia.

Brizola, no embalo, dá a sua explicação para a crise da falta de carne. O internista, o pecuarista, que é bem informado, investiu o dinheiro que sobrou da poupança e das aplicações do capital no boi magro. Mas logo percebeu que nada lucrava, pois o boi gordo estava pelo mesmo preço tabelado do boi magro. É assim que se conta a história da crise da carne.

Ideais gerais

O plano de metas anunciado pelo presidente Sarney não chegou a causar impressão maior no governador Brizola:

— O presidente parece que tem algumas idéias gerais, mas não um plano verdadeiramente esboçado. Vamos ter que esperar um pouco para ver o que realmente constitui o anunciado plano de metas. Só então poderemos fazer uma avaliação. O que vimos foi apenas um exercício de retórica.

Brizola fica mais cauteloso quando solicitado a uma análise política sobre as consequências do novo plano econômico:

— É cedo para um cálculo eleitoral. Mas não há dúvida de que o governo surpreendeu a todos e que isso será contabilizado como um desgaste. Muitos estão se decepcionando, há um clima de evidente frustração no país.

Crítica o governador a expectativa nervosa que foi alimentada nas últimas 48 horas, com uma onda de preocupação dominando todas as conversas.

Conclui com um frase cáustica:

— O plano cruzado debilitou-se.